

Tempo, variação e esquecimento: seis operações da ética da memória

Time, variation and forgetting: six operations of the ethics of memory

Enviado em: 31-01-2023

Aceito em: 20-06-2023

Brida Emanoele Spohn Cezar¹

Luis Artur Costa²

Resumo

Abordamos a memória desde uma perspectiva trágica enquanto devir, na sua relação paradoxal com o esquecimento. O artigo oferta pistas para a questão: como operar uma ética da memória que não oponha conservação e transformação? Para tanto, parte dos processos presentes nas paisagens de dois vilarejos atravessados pela ferrovia: São Salvador e Paranapiacaba. Extraímos dos processos de transformação de tais cidades, seis operações poético-conceituais distintos que provocam um exercício ético-estético-político a problematizar nossas práticas e políticas de memória: a evaporação, a decomposição, a oxidação, a preservação, a digestão e a decomposição. Cada operador poético-conceitual não pretende prescrever uma moral da memória, mas sim problematizar o que podemos produzir de políticas da memória para além da oposição ao esquecimento e ao devir, promovendo uma complexificação no modo como compreendemos e estabelecemos nossos vínculos entre o passado e o presente, formando rizomas e desvios no encontro com as sobrevivências e suas metamorfoses.

Palavras-chave: memória; ética; esquecimento.

Abstract

We approach memory from a tragic perspective as a becoming, in its paradoxical relationship with forgetting. The article offers clues to the question: how to operate an ethics of memory that does not oppose conservation and

1 Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2022). Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018). Psicóloga graduada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos com ênfase em Práticas Sociais e Institucionais (2016). E-mail: bridacezar@gmail.com

2 Docente adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor (CAPES) pelo Programa de Doutorado Interdisciplinar do PPGIE UFRGS. E-mail: larturcosta@gmail.com

transformation? For that, it starts from the processes present in the landscapes of two villages crossed by the railroad: São Salvador and Paranapiacaba. We extract from the transformation processes of such cities, six distinct poetic-conceptual operations that provoke an ethical-aesthetic-political exercise to problematize our memory practices and policies: evaporation, decomposition, oxidation, preservation, digestion and decomposition. Each poetic-conceptual operator does not intend to prescribe a moral of memory, but rather to problematize what we can produce from memory policies beyond the opposition to forgetting and becoming, promoting a complexification in the way we understand and establish our links between the past and the future. present, forming rhizomes and deviations in the encounter with survivals and their metamorphoses.

Key-words: memory; ethic; forgetfulness.

Notas introdutórias

Uma tese de doutorado é fabricada por uma série de encontros, interferências e contágios. “Somos contaminados por nossos encontros, eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para os outros. Todos nós carregamos uma história de contaminação, a pureza não é uma opção” (TSING, 2022, p. 73). As fronteiras entre as cidades e os conceitos, as imagens e as palavras, tornam-se híbridas e suscetíveis aos balanços e percalços da vida. A pesquisa é atravessada pelos acontecimentos e devires do mundo, navegando ou naufragando em suas águas turvas e turbulentas. Não há garantias quando arriscamos acolher o desconhecido e afirmamos que tudo é processo, portanto, não há começo nem fim em nossas derivas e experimentações que são, em última instância, uma forma de produção de conhecimento. A memória, objeto deste trabalho, reinventa suas marcas ao inscrevê-las nas superfícies da página, do corpo e da casa: há rastros espalhados por todos os lados, interligados e sobrepostos. Trata-se de um micélio em expansão: “um excesso de ligações, vagando incessantemente para fora e além dos seus limites” (SHELDRAKE, 2021, p. 58 e 59). Ao longo deste percurso que não é linear e tampouco previsível o pensamento se debruça sobre fragmentos e camadas que se mantêm embaralhados: “os tempos já não estão calcados em estágios, mas se exprimem por estratos,

rizomas, retornos inesperados” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 25).

Durante as buscas pelos vestígios da ferrovia em nosso país emergiram as paisagens de São Salvador e Paranapiacaba: uma localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, onde o trem passou pela última vez há quarenta anos atrás, e a outra situada no alto da serra no estado de São Paulo, onde os vagões de carga deslizam cotidianamente sobre os trilhos enquanto se dirigem à zona portuária de Santos. A estação de uma cidade foi desativada, restaurada e reinaugurada como museu, a outra ardeu em chamas e deixou os moradores e transeuntes ao relento antes mesmo da interrupção do transporte de passageiros. Ambas envolvidas pela cor opaca da neblina, pelas ruínas do progresso e pela melodia das locomotivas entoada nos sonhos e nas recordações a partir do momento em que a sua ausência subitamente se impôs. Uma tombada como patrimônio para ser preservada, a outra derrubada para ser remodelada: Paranapiacaba luta contra fungos, plantas, faíscas e animais para manter de pé a herança colonial deixada pelos ingleses, São Salvador arrancou dormentes e casas antigas do solo visando reconfigurar a paisagem com a sua progressiva verticalização. O asfalto enterrou os restos da ferrovia que não cansam de ser regurgitados no bairro da estação: a cada nova temporada de chuvas e erosões as lascas do passado vêm à tona testemunhando a favor de sua persistência e duração, apesar de todas as tentativas de apagamento e aniquilação. “A superfície ainda recebe solicitações do fundo” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 128). “Os tempos sobreviventes não são tempos sepultados, são tempos escondidos bem embaixo dos nossos passos e que ressurgem, fazendo tropeçar o curso de nossa história” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 295). Os antigos moradores morrem e junto deles as histórias que não puderam ser transmitidas e digeridas ao longo de uma vida, seja porque o arquivo da cidade está abarrotado de volumes estrangeiros e qualquer controvérsia ou desacordo em relação a eles deve ser evitado e mantido em segredo, seja porque o espaço ocultou os traços de uma época recém ultrapassada e silenciou os corpos que achavam-se apoiados sobre eles.

Sem a fabricação de narrativas e enzimas capazes de metabolizarem os deslizamentos e desmoronamentos do tempo diríamos que o esquecimento

é impossível, porque ele não se faz simplesmente na distância do que não existe mais, mas no rearranjo das subjetividades comprometidas com a sua incorporação e reinvenção: os desaparecimentos propiciam um jogo de luz e sombra, proximidade e perda, ausência e retorno, “obnubilando a clareza dos aspectos, intenso e quase tátil, demasiado vazio e demasiado cheio ao mesmo tempo, corpo de sombra e não sombra de um corpo” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 105).

Se o esquecimento não é promovido pela negação do que foi e nem pela urgência do seu sepultamento, sempre provisório, então caberia afirmá-lo como a duração de uma memória em desvio: “duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do novo” (BERGSON, 2006, p. 8). “O que seria o esquecimento se não a possibilidade de deformar as coisas a tal ponto de não mais reconhecê-las em seu eterno retorno?” (CEZAR, 2022, p. 211). “O passado está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar” (BERGSON, 2006, p. 47 e 48), não há como apartá-lo da nossa experiência e do nosso olhar, o pensamento está impregnado pelo que lhe afetou, feriu ou encantou. No entanto, o movimento é incessante e irreversível, não há como restabelecer uma nuvem que deságua ou uma montanha de rejeitos que se rompe. Como podemos aprender a sustentar o “amor fati, amor ao destino” (NIETZSCHE, 2012, p. 166) em meio às catástrofes engendradas pelo capitalismo? Como não paralisar diante do medo e do ressentimento contra a passagem abrupta e descontrolada do tempo? Como abordar as paisagens que nos cercam sem evitar as suas ruínas e sem sucumbir a elas? Como enxergar a potência no declínio, a vida na morte, o recomeço nas cinzas?

Depois de transitar pelos dois estados, adentrando os dois vilarejos e neles constituindo morada, a pesquisadora, carregada de imagens e intensidades, pousou em Porto Alegre e ali, nos arredores da universidade e no meio de uma pandemia avassaladora, iniciou o processo de decantação e elaboração das vivências comprometidas com a transmissão não só de uma forma, porém, sobretudo das forças implicadas com a gestação de sua tese. Por isto a arte nos interessa tanto, “porque nela forma e força unem-se de modo necessário e orgânico” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 147). “Para que a

forma não se congelasse em rigidez e frieza egípcias, de tempo em tempo a maré alta do dionisíaco torna a desfazer todos aqueles pequenos círculos da vontade apolínea” (NIETZSCHE, 2007, p. 65). “O fenômeno dionisíaco nos revela sempre de novo o lúdico construir e desconstruir do mundo como uma criança que, brincando, assenta pedras aqui e ali e constrói montes de areia e volta a derrubá-los” (NIETZSCHE, 2007, p. 140). Nada é definitivo, a matéria revela sua porosidade e suas rachaduras inevitáveis. As perturbações sofridas na vida e na pesquisa exigem deslocamentos e um esforço contínuo para assegurar consistência aos blocos de perceptos e afectos que pretendem “manter-se de pé sozinhos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 194). “Algo só é uma obra de arte se guarda vazios suficientes para permitir que neles saltem cavalos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 196).

Se o barro, assim como a neblina, a ferrugem, os fungos, as fagulhas e as relíquias são assimilados pelo corpo antropofágico da escrita, as condições para tal surgem no campo, quando o conhecimento passa a ser digerido pelas entranhas e os itinerários se desenham na pele e nas paredes e não mais somente no papel. Os artistas em Paranapiacaba modelam locomotivas de argila que afirmam uma diferença na repetição ensaiada pelas mãos. A terra mistura-se com a água e no contato com o ar perde progressivamente a sua umidade. Se as peças entram em contato com o fogo, explodem e se dispersam ou transformam-se em pedras duras e resistentes, ganhando contornos bem delimitados. O nevoeiro vem e vai, dificultando a vigilância e o controle exercidos sobre turistas e moradores responsáveis por zelar pelo patrimônio. As estruturas oxidadas, bem como os telhados cobertos de limo e os dormentes povoados de líquens não obedecem às ordens duramente propagadas pelo vilarejo: é necessário conservar uma memória inglesa em detrimento de uma memória indígena ou operária. As fagulhas corroem a promessa de eternidade que ainda acena para os estrangeiros e revolta os personagens ignorados pela história: mulheres, crianças, velhos e ferroviários estrategicamente silenciados em suas singularidades, em prol de um arquivo homogêneo e cinza, “não somente em virtude do tempo que passou, mas pelas cinzas de tudo o que o circundava e foi queimado” (DIDI-HUBERMAN, 2004, p.

35).

Se a fumaça ameaça engolir os bens tombados, causando alvoroço e desespero a cada aparição, as lacunas que se abrem no território despertam os sentidos para a possibilidade de libertar-se do fardo pesado do passado destrinchando-o sem pressa e sem pesar. O paradoxo entre a criação e a destruição acompanha nossa reflexão em torno da memória e do esquecimento, afinal ambos coexistem e se entrelaçam o tempo inteiro. “Memória e esquecimento são forças cuja atuação recíproca possibilita o movimento” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 138). “A todo agir liga-se um esquecer: assim como a vida de tudo o que é orgânico diz respeito não apenas à luz, mas também à obscuridade” (NIETZSCHE, 2003, p. 9).

As seis operações que apresentaremos a seguir surgiram a partir das dobras cerzidas em torno dos conceitos e das paisagens percorridas. Cada uma tensiona e afirma ao seu modo uma relação trágica com o tempo: “uma ética e uma estética da transformação e da decomposição” (KUNIICHI, 2012, p. 77). Cada uma propõe uma determinada perspectiva para o esquecimento: a evaporação, a decomposição, a oxidação, a preservação, a digestão e a decantação abordam a matéria em seus processos singulares de transmutação. “A matéria está sempre em movimento, em choque contínuo: ora ela cria corpos, ora ela os dissipa” (SCHÖPKE, 2009, p. 447). Não há homogeneidades ou generalizações: cada qual enseja a sua própria travessia num ritmo dessemelhante e assimétrico.

Assim como cada qual estabelece as suas alianças, rizomas e desvios: trata-se de bifurcar e multiplicar as possibilidades de experimentar e compor com o mundo, envelopando-o provisoriamente nas pregas que se desfazem e refazem sempre de um jeito diferente. Tudo parece, inclusive as carcaças depositadas no museu. As lonas que cobrem as locomotivas e as correntes que prendem os sinos não impedem que as suas histórias e destinos sejam marcados por rupturas e rearranjos. A tentativa de submetê-los a uma única narrativa e de conservá-los enquanto testemunhas de uma época em dispersão colapsa diante dos reveses aos quais são submetidos pelo tempo: “tudo desmorona, se move, se dispersa, se precipita. É o próprio tempo, com todos

os seus aspectos de petrificação, de coagulação, de cristalização, de decomposição” (KUNIICHI, 2012, p. 51 e 52).

A nossa aposta, portanto, é em perscrutar a desobra, sem incorrer em juízos morais ou lamentos paralisantes, abordando-a, pelo contrário, como mais uma operação de “extravio e criação” (BLANCHOT, 2008, p. 256). Nos deparamos com paisagens em vertigem e nos aproximamos para escutar a sua pulsação: as linhas, assim como as placas tectônicas, se movem, se chocam e se dividem, mesmo quando estamos distraídos ou alheios a tais acontecimentos. “Tudo flui, nada permanece o mesmo” (HERÁCLITO, 1999, p. 103). “Amar e declinar: há eternidades essas coisas combinam. Vontade de amor: isso é ter boa vontade também para com a morte” (NIETZSCHE, 2011, p. 117). “Amo com todo o meu amor aqueles (e as coisas) que declinam: pois eles passam para o outro lado” (NIETZSCHE, 2011, p. 191).

Primeira operação: evaporação

“O fogo, enquanto o metamorfosear-se das coisas corpóreas, é mudança, evaporação, transformação em fumaças” (HERÁCLITO, 1999, p. 107).

Se por um lado a paisagem de Paranapiacaba recebe camadas densas de neblina, a qual é resultante dos processos de condensação e evaporação da água, por outro lado aparecem as nuvens acesas de fuligem que carregam os vestígios do patrimônio pelos ares em um ritual fúnebre de dispersão desencadeado pelo fogo.

Há um tipo de subtração temporária dos contornos do vilarejo construído pelos ingleses durante a implementação da São Paulo Railway, e um tipo de subtração permanente que impõe lacunas em meio às colunas dos imóveis arduamente vigiados. A herança colonial sobrevive em função do tombamento e se materializa nas ruas de paralelepípedos cujas placas carregam os nomes dos engenheiros britânicos, em suas antigas moradias transformadas em museus, nos arquivos que são preservados e nas histórias que são contadas em detrimento daquelas que foram e continuam sendo ocultadas e silenciadas.

Não há espaço para a diferença quando apenas uma voz pode ser ouvida e propagada através dos tempos. Pouco se sabe sobre as experiências dos operários que trabalhavam dia e noite na estrada de ferro controlada pelos estrangeiros, menos ainda sobre as vivências das mulheres e crianças que caminhavam, brincavam, dormiam e sonhavam nas margens dos trilhos.

Recentemente os rastros dos povos originários ganharam ênfase no documentário “De Paranapiacaba ao Peabiru” (OSHIRO, 2021), pois até então a sua passagem pelo alto da serra permanecia invisibilizada pelos discursos oficiais que exaltam o núcleo urbano erguido em torno da estação com tábuas e telhas importadas. Se há uma tentativa de manutenção e conservação do mesmo inalterado, há também uma força que reintroduz o movimento na matéria: “para que a forma não se congelasse em rigidez e frieza egípcias, de tempos em tempos a maré alta do dionisíaco torna a desfazer todos aqueles pequenos círculos da vontade apolínea” (NIETZSCHE, 2007, p. 65). “Este mundo é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se e apagando-se em medidas” (HERÁCLITO, 1999, p. 90).

As chamas que envolvem as casas pintadas com a mesma cor dos vagões das locomotivas abandonadas no pátio de manobras animam o passado ao decretarem o seu extravio e a sua metabolização: a interdição imposta pelo cerceamento constante das ruínas e pelos restauros que nunca terminam é subvertida pelo incêndios que não só se apropriam do que estava apartado e inacessível como também lhe devoram e lhe entregam digerido aos pulmões da cidade e dos moradores que testemunham o retorno das fagulhas e das cinzas, ora a se reunirem, ora a se dissiparem.

Segunda operação: decomposição

“Vivemos e respiramos no espaço aberto pela decomposição. Se pudéssemos interrompê-la, pilhas de corpos se acumulariam no planeta. Consideraríamos isso uma crise, mas do ponto de vista dos fungos seria um amontoado de oportunidades” (SHELDRAKE, 2021, p. 196).

Em Paranapiacaba, há uma imensa população de líquens habitando os dormentes da ferrovia, a madeira utilizada na construção da ponte que permite

o vai e vem entre a parte alta e a parte baixa da vila, além do pinho de riga empregado nas casas, no clube, no cinema e nas arquibancadas do campo de futebol. Os fungos não só povoam como também trabalham o patrimônio, seja através das alianças forjadas com as algas e bactérias, seja através do mofo que se prolifera no interior dos cômodos. Não há meios para combatê-los ou evitá-los de modo definitivo, na medida em que são removidos aqui já brotam alhures, e assim essa rede micelial se mantém viva e em movimento. Os fiscais da prefeitura são incansáveis em sua luta contra toda e qualquer interferência (humana, animal, fúngica ou vegetal) capaz de rasurar ou destruir completamente os contornos desenhados pelos ingleses no século XIX. Quando uma prega é acidentalmente ou propositalmente desfeita os conflitos e as lamentações se intensificam, pois diante da irreversibilidade do tempo e de seus aspectos inevitáveis “de petrificação, coagulação, cristalização e decomposição” (KUNIICHI, 2012, p. 52) os guardiões se deparam com a constatação de que não há salvação para os monumentos, tampouco para os colonizadores: resta-lhes apenas o declínio.

A memória ao afirmar uma perspectiva trágica diante dos desmoronamentos revela sua abertura para os desvios e as metamorfoses indispensáveis à criação e ao esquecimento. O ressentimento e a melancolia são ultrapassados conforme a narrativa avança e abandona a pretensão de resgatar o passado ou de restituir às coisas os seus antigos lugares, trata-se, ao contrário, de perdê-las para reencontrá-las irreconhecíveis. O jogo não começa e nem termina, portanto, deve-se atentar ao fato de que estamos sempre no meio e em processo: “a natureza é um evento que nunca para” (SHELDRAKE, 2021, p. 64).

Após o último incêndio em Paranapiacaba, o castelo que serviu de moradia para um engenheiro da companhia desapareceu em meio a fumaça e ao torvelinho alaranjado arrastando os seus restos disparados como foguetes em direção ao céu. As árvores testemunharam impassíveis tal acontecimento e seus galhos retorcidos guardaram as marcas e cicatrizes deixadas pelo fogo. Meses depois as cascas secas do tronco viram nascer pequenas colônias de cogumelos que encontraram abrigo na vizinhança do desastre: “as ruínas

agora são nossos jardins” (TSING, 2018, p. 381).

Como a vida é devir e errância em meio à duração do que persiste pela variação, para que os processos de composição de refúgios nos quais a vida siga a ser cultivada fazem-se imprescindíveis os processos de decomposição: somente pelo esquecimento e desfazimento de relações instituídas emergem novas relações instituintes pelas quais o passado dura no presente enquanto vivo, afinal, como nos diria Spinoza (2009), aquilo que desde certa perspectiva (no caso a perspectiva do patrimônio como permanência do mesmo) é experienciado enquanto morte (decomposição), nada mais é do que a vida mesma em sua dança constante de novas composições nas quais os ritmos insistem pela variação dos passos.

Terceira operação: oxidação

“Carcaça, tu tremes? Tremerias ainda mais, se soubesses aonde te levo” (NIETZSCHE, 2012, p. 207).

A mata atlântica avançou sobre os trilhos do antigo sistema funicular desativado e provocou com a sua umidade e multiplicidade desordenada a corrosão progressiva do traçado geométrico arduamente delimitado em meio às intempéries da baixada santista. O trecho íngreme exigiu a instalação de cabines capazes de regular as máquinas na descida e na subida da serra através de cabos de aço entrelaçados manualmente pelos operários da ferrovia. Os locobreques (nome atribuído às locomotivas que circulavam nesta estrada) puxavam os vagões carregados de cargas e passageiros que ora seguiam em direção ao porto e à praia, ora retornavam e adentravam a cidade grande que abrigava a estação da luz.

Paranapiacaba, situada entre o planalto e o mar, incorporaria em sua paisagem várias linhas de dormentes que simplesmente afundaram no solo e nele se desintegraram ou foram engolidas pela vegetação. Duas ainda se destacam pela sua visibilidade na superfície em função da circulação cotidiana dos trens da MRS logística, a qual mantém o pátio de manobras isolado da comunidade por meio de cercas, portões, correntes e cadeados oxidados. Lá

dentro, avistam-se as carcaças das locomotivas que se decompõem a céu aberto ao longo dos anos. Elas permanecem estacionadas no mesmo lugar desde a sua última viagem, quando os moradores desembarcaram sem perspectiva de sentarem-se em suas janelas e escutarem os seus apitos e sinos outra vez.

O vilarejo optou por tê-las ali, diante dos olhos e suscetíveis aos percalços do tempo, ao invés de endereçá-las ao museu. Em seus poros escancarados a chuva e o calor, o vento e a neblina, os fungos e as plantas são capazes de entrar e sair, produzindo efeitos de contaminação, incrustação e subtração. A ferrugem cresce silenciosamente, deixando as suas paredes finas e esburacadas, colorindo-as com tonalidades imprevisíveis e variadas. As crianças procuram as brechas no teto das máquinas para saltarem e brincarem em seu interior, convertido em uma extensão singular do fora, com água acumulada sobre os bancos e samambaias crescendo pelo chão. “Odor e rumor de barco velho, de apodrecidas madeiras e ferros avariados” (NERUDA, 2010, p. 105). “Acumular esquecimento e sombra e fumaça sobre caminhos-de-ferro e vapores” (NERUDA, 2011, p. 97).

A oxidação fala de processos intempestivos de molecularização das formas molares pelos quais o duro aço faz-se nuvem em uma sutil e laboriosa escultura do tempo pelas relações com as intempéries: a forma industrial escapa de sua generalidade e assume uma singular vinculação com a paisagem que habita, assim como o ranger erigido por cada barco em seu balançar marítimo a compor uma voz própria marcada pelas histórias que lhe habitam.

Quarta operação: preservação

“A visão de tantas existências atestadas por esses penhores humanos que a elas sobreviveram, acabou por entorpecer os sentidos do jovem. Este oceano de móveis, invenções, modas, obras e ruínas compunha um poema sem fim. Sufocava-se sob os resquícios de cinquenta séculos desaparecidos” (BENJAMIN, 2018, p. 805-806).

No museu do trem no Rio de Janeiro os vagões utilizados pela

monarquia brasileira repousam com suas portas e janelas lacradas debaixo de lonas pretas empoeiradas. Através dos vidros veem-se móveis e objetos intocáveis: apartados do mundo, eles são protegidos do caos e da destruição, assim como dos encontros e acasos que poderiam lhes proporcionar novos arranjos e composições para além da história da família imperial, a qual permanecem submetidos. Louças e estofados definham eternamente enquanto testemunhas da passagem longínqua de Dom Pedro II. Neste caso, a renúncia é uma condição da própria consagração. “A história que Nietzsche critica é a que se mostra incapaz de abordar o passado sob o ângulo de suas sobrevivências e metamorfoses. Para ela, o passado é um objeto morto, mesmo e sobretudo quando acredita conservá-lo, pois o mumifica, renunciando a sua força” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 145).

Se há algo que segue pulsando como o sangue quente que corre nas veias é a tentativa de exaltar e reafirmar o lugar do colonizador, sem atentar para os efeitos produzidos na carne e na subjetividade dos colonizados. Quando a malha ferroviária se fragmentou em nosso país e as estações deixaram de ser palco para embarques e desembarques, despedidas e reencontros, os sinos foram rapidamente recolhidos e arrastados para o museu, onde acham-se acorrentados e impedidos de transmitirem ao mundo a sua vibração. Aglomerados após décadas de dispersão, eles perderam abruptamente o contato com a chuva, o vento, o sol e os trovões. Os ganchos que os mantinham suspensos ficaram vazios como os trilhos e um silêncio agudo se impôs: o ruído cotidiano sinalizando as chegadas e partidas ecoaria desde então somente na memória e nos sonhos daqueles que não conseguiram esquecer dos acidentes, dos descarrilhamentos, dos afetos e rumores, da fumaça e da neblina misturadas encobrendo a plataforma lotada de encomendas e transeuntes.

As imagens desbotadas pelo tempo e as melodias descontínuas destoariam das relíquias fadadas ao restauro e à impossibilidade de adquirirem novas marcas ou camadas. Endereçadas ao arquivo por se diferenciarem momentaneamente do lixo, elas estariam a salvo do descarte e da decomposição. “Arquivo e lixo são interligados por meio de uma fronteira

comum que pode ser transposta por objetos em ambas as direções” (ASSMANN, 2011, p. 411). “O valor de um objeto é ditado por uma certa lembrança” (ASSMANN, 2011, p. 421), como a “Baronesa”, primeira locomotiva a vapor que circulou no Brasil, considerada patrimônio nacional devido a homenagem prestada por Dom Pedro II à esposa do Barão de Mauá, Dona Maria Joaquina.

Quinta operação: digestão

“Digestão: escoamento de uma carga de memória que cresce a níveis assombrosos” (ASSMANN, 2011, p. 180).

“O estômago é um lugar de passagem, não de permanência, um lugar de processamento e realização, não de conservação” (ASSMANN, 2011, p. 179).

Se a matéria é digerida pelos fungos, pela ferrugem e pelo fogo, a memória é trabalhada incansavelmente pelo esquecimento: “memória e esquecimento são forças cuja atuação recíproca possibilita o movimento” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 138). Com as sucatas da ferrovia montaram brinquedos para uma praça localizada ao lado da estação de Mariana, em Minas Gerais. Os trilhos e as rodas das antigas estradas e locomotivas sustentam balanços, escorregadores e instrumentos musicais: as crianças reinventam as melodias e os acordes no ritmo de suas experimentações e improvisos. O imperativo solene da preservação foi substituído pelo desejo titubeante do manuseio: “os farrapos, não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível, utilizando-os” (BENJAMIN, 2018, p. 764). “A devoração como alternativa à devoção, para que o jogo recomece” (CEZAR, 2022, p. 59).

O patrimônio, por mais que se queira eternizá-lo, perece, assim como as cidades, os corpos, seus amores e suas recordações. Não suportaríamos lembrar de “cada folha de cada árvore de cada morro” (BORGES, 2007, p. 106), como Funes o memorioso, pois “há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e por fim sucumbe” (NIETZSCHE, 2003, p. 10). Neste sentido, importa ocupar-se da produção de

enzimas capazes de metabolizarem o passado conferindo-lhe a leveza indispensável ao voo: voo em direção ao desconhecido, ao impensado, ao porvir gestado no útero/túmulo do universo. Os recomeços carregam os rastros do tempo e da memória como pequenas fagulhas que se mantêm acesas mesmo depois de a fogueira extinguir-se. As cinzas guardam o potencial de combustão adormecido que acenderá a chama uma vez mais em outra parte, repetindo e diferindo, apagando-se e acendendo-se, sem cessar. A vida se reinventa a partir e através de suas mortes, como os cogumelos que brotam no meio da matéria orgânica em decomposição: “os fungos podem gerar cogumelos, mas primeiro devem desfazer outra coisa” (SHELDRAKE, 2021, p. 251). E é isto o que chamamos de esquecimento, a duração acompanhada pela variação, as formas entregues aos fluxos, aos acasos e devires. “O universo dura: duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do novo” (BERGSON, 2006, p. 8).

A ruminação, estratégia utilizada para agarrar-se ao que foi na tentativa de negar e combater em vão a sua desintegração, é subvertida pelo amor fati, ou seja, “amor ao destino” (NIETZSCHE, 2012, p. 166), com seus reveses e redemoinhos. “Não pode haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento” (NIETZSCHE, 2009, p. 43), e o caminho para tal não é a evitação ou aniquilação do passado, e sim a sua deglutição e absorção corporificada.

Sexta operação: decantação

A terra seca ao afundar na água, atravessar uma peneira e descansar sobre o jornal devém argila prestes a ser amassada e modelada. Tudo começa com a escavação cuidadosa do solo e o recolhimento de seus excrementos: há minhocas, formigas e aranhas transitando em túneis subterrâneos, ali inauguraram as suas cidades e construíram os seus ninhos rudimentares. Raízes, pedras e sementes acompanham a porção do chão escolhida para esparramar-se dentro de casa. No processo de decantação ocorre uma subtração inevitável, assim como na relação entre a memória e o esquecimento:

“a memória não é uma instância que retém, mas uma instância que perde, ela joga porque sabe, em primeiro lugar, que jamais saberá por inteiro o que acumula” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 115).

Por outro lado, “o processo de decomposição é, ao mesmo tempo, processo de cristalização” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 425), assim, as rochas que se desintegram tornam-se argila e a argila acolhe tanto a água quanto o fogo em suas extremidades: “ora uma pedra, ora um rio, assim é o barro” (CEZAR, 2022, p. 163).

Importa destacar a plasticidade da matéria que pode liquefazer-se e/ou sedimentar-se, conservando apenas a impermanência e o inacabamento em seu percurso de deformações e metamorfoses. A memória também possui plasticidade suficiente para contrair-se e dilatar-se, incorporando elementos de tempos e espaços heterogêneos, ora condensando, ora dissipando as suas intensidades fragmentárias. Nada é definitivo, nem mesmo o patrimônio acometido por fissuras, fraturas, choques e abismos.

Apesar dos esforços empenhados na manutenção das casas, ninguém é capaz de deter o movimento, os deslizamentos e desmoronamentos das paisagens envolvidas pelas chamas e pelo nevoeiro, pelos fungos, plantas e animais que coexistem com a espécie humana e são refratários aos seus valores e princípios. “Tudo voltará a se pôr em movimento e tudo se resolverá em movimento” (BERGSON, 2006, p. 174). Entre um acontecimento e outro há ainda o tempo de decantação das imagens e de elaboração das narrativas comprometidas com o seu sopro e a sua pulsação: “como dar corpo aos afetos?” (CEZAR, 2022, p. 217); como digerir o vivido sem sucumbir a ele? como bifurcar de repente através de um exercício ético, estético e político de imaginação, deriva e deslocamento? como modelar com as próprias mãos outros mundos possíveis? como abandonar-se ao desvio? Trata-se de apostar na desterritorialização, que por sua vez “não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 107), seja através de uma esfera de argila, de uma teia de aranha ou de uma trama de palavras.

Considerações finais

Como falamos logo no início do trabalho, este não pretende prescrever caminhos para nossas políticas de conservação das memórias materiais e/ou imateriais, muito antes pelo contrário, os seis operadores poético-conceituais aqui erigidos têm como principal objetivo fazer descarrilar os trilhos instituídos e permitir a adoção de desvios enquanto possibilidades de novas rotas em nossos modos de vinculação com o passado.

A crítica (FOUCAULT, 1990) busca desnaturalizar nossa relação com o óbvio, complexificando e singularizando nossos modos de pensar-sentir ao mundo por meio da problematização ético-estético-política das paisagens de nossa existência.

Assim, operadores poético-conceituais são ferramentas analíticas que pretendem transformar perspectivas por meio da problematização e deslocamento do nosso campo sensível (poético) e inteligível (conceitual) compreendendo-os enquanto inerentes e imanentes um ao outro nos nossos regimes do possível (FOUCAULT, 1990).

Assim, por meio de suas efetuações estéticas e conceituais, as seis operações da memória aqui apresentadas têm como objetivo provocar exercícios éticos que nos levem a questionarmo-nos acerca do modo como pensamos e vivemos a memória em nossas cidades: haveria uma posição que não fosse sujeitada ao imperativo de destruição do capital que busca novas possibilidades de investimentos imobiliários, mas tampouco sucumbisse ao fetichismo criogênico que intenta controlar a intemperividade do tempo por meio do domínio mas que finda por extirpar toda vida e devir das nossas memórias?

Não acreditamos na possibilidade de uma resposta e/ou solução para tal questão que se coloca enquanto problema de nossas éticas da memória, muito antes pelo contrário, propomos os operadores poético-conceituais antes apresentados como uma forma de afundarmos ainda mais nessa trama conflitiva sem evitar suas paradoxalidades indissolúveis que estão sempre a dissolver nossas certezas. A evaporação, a decomposição, a oxidação, a preservação, a digestão e a decomposição são construções ético-estético-

políticas que buscam estabelecer uma relação imanente com a opacidade, uma intimidade com o desconhecido, tomando a poética da relação (GLISSANT, 2021) enquanto modulação ética das nossas práticas memorialísticas.

As operações apresentadas são uma provocação poética acerca das poéticas do vivo e de nossas ético-estéticas-políticas de afirmar uma memória em meio ao seu devir. Como nos lembra Glissant (2021), tais imagens sensíveis nos permitem efetuar exercícios existenciais pelos quais podemos cultivar a errância de modo a não nos guiarmos por um medo e ódio paralisantes diante da alteridade e sua incomensurável opacidade.

Desta forma, as operações não são a taxonomia coordenada de uma tipologia rígida que se quer prescritiva no sentido de como devemos nos relacionar com a duração e o esquecimento: as prescrições e suas formas legais buscam a árida transparência do domínio sobre o tempo, enquanto aqui pretendemos ensejar o cultivo de um exercício ético pelo qual assumimos a potência da opacidade do tempo tomado enquanto radical alteridade que nunca para de nos surpreender. As seis operações em sua poética pretendem, portanto, promover uma certa modulação da experiência com a memória e ensejar reflexões ético-estéticas-políticas acerca de nossas concepções e práticas de preservação das cidades.

Existem cidades “que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados” (CALVINO, 1990, p. 37). O tensionamento não se resolve e tampouco pode ser eliminado, visto que diferentes gerações, interesses e necessidades convergem em um único espaço atravessado por fragmentos de tempos díspares e desencontrados: se há aqueles que desejam agarrar-se ao patrimônio lutando obstinadamente pela sua manutenção e restauro, há também aqueles que veem na queda das colunas do século passado uma abertura para o novo incansavelmente extirpado das casas e do cotidiano.

Mover-se dentro de uma paisagem considerada como um arquivo ou museu exige cautela e cuidado, nada é permitido exceto zelar pela reiteração do mesmo, afastando a vida fúngica e vegetal que insiste em se apropriar das

tábuas e telhas importadas. As crianças empinam suas pipas e descobrem no céu como suspender temporariamente o peso de gravidade das disputas, conflitos e heranças que estão em jogo em Paranapiacaba. Cidades-relíquias não admitem as próprias ruínas e, mais ainda, não as digerem, assim como os moradores de Leônia (CALVINO, 1990), que diariamente expelem e paradoxalmente acumulam o seu lixo em montanhas monstruosas que ameaçam soterrá-la. Os restos de ontem precisam ser removidos, bem como os rastros deixados nos móveis, nas roupas e nas calçadas: “a população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se com sabonetes recém-tirados da embalagem, extrai das avançadas geladeiras latas ainda intactas, escutando as lenga-lengas do último modelo de rádio” (CALVINO, 1990, p. 105). “Talvez o mundo inteiro seja recoberto por crateras de imundície, cada uma com uma metrópole no centro em ininterrupta erupção” (Ibidem, p. 106). O fato é que “onde há monumentos, também devem existir excrementos” (CEZAR, 2022, p. 71), então o poder falha ao se deparar com a morte e com a intempestividade da vida, ingovernável e insubordinável em sua expansão e renovação.

Olhamos para as sutilezas que habitam os instituídos e que gestam de maneira silenciosa os seus desvios, encontramos os artistas nas bordas da história, diante dos abismos e fissuras do tempo, recolhendo a matéria-prima para o seu trabalho. Andando sobre as ruínas, eles reviram os escombros e reúnem os elementos prenhes de memória e de esquecimento: seus estômagos trágicos são capazes de deglutirem os resíduos sobreviventes e de intensificarem a sua transformação-metabolização. Em suas oficinas e ateliês eles brincam com as lascas do tempo, introduzindo-as em novas composições que não almejam resgatar ou representar o perdido, senão elaborá-lo a ponto de esquecer-lo justamente por absorvê-lo sem a pretensão de conservá-lo ou de reconhecê-lo alhures. “Só resta uma opção: afundar-se, imobilizar-se, petrificar-se no luto, na desolação, ou então brincar, recolocar-se em movimento, dançar sua obsessão, obrar” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 245). “O artista seria o trapeiro de nossos sacos de lixo, o arqueólogo de nossos tesouros desconhecidos” (Ibidem, p. 251).

As seis operações nascem de uma perspectiva dentro da qual sobrevivência e metamorfose são indissociáveis, por isto buscamos “o elemento fecundo dos desaparecimentos” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 72) e seguimos acreditando no “despedaçamento fundamental que a memória sem trégua impõe à continuidade da história. Esse despedaçamento é uma chance, uma vez que multiplica aquilo que ela transmite” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 253).

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. São Paulo: Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. **La conversación infinita**. Madrid: Arena Libros, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CEZAR, Brida Emanoele Spohn. **Memória em desvio: paisagens em vertigem**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado), 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. Curitiba: Medusa, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Revista Serrote, São Paulo, n. 13, p. 99-133, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica?** Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, n° 2, pp. 35 - 63, abr/jun 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de wanderson flor do nascimento. 1990.

Disponível em:

<http://michelfoucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>. Acesso em: abr. 2023

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HERÁCLITO de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

NERUDA, Pablo. **Residência na terra I**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

NERUDA, Pablo. **Residência na terra II**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OSHIRO, Ale. **De Paranapiacaba ao Peabiru**. Santo André/SP, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVHVDNzxRtA>. Acesso: 10/01/2022.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Ubu/Fósforo, 2021.

SHÖPKE, Regina. **Matéria em movimento**: a ilusão do tempo e o eterno retorno. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Paisagens arruinadas** (e a delicada arte de coletar cogumelos). Cadernos do Lepaarq, Pelotas, v. 15, n. 30, p. 366-382, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 edições, 2012.